Do Liceu à Bat-Caverna: Batman, um super-herói aristotélico

From Lyceum to the Bat-Cavern: Batman, an aristotelian superhero http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2014v48n1p94

Gelson Vanderlei Weschenfelder

Cesuca -Faculdade Inedi, Cachoeirinha, RS/Brasil

Um dos ícones da cultura pop da atualidade é o ressurgimento das aventuras dos super-heróis dos quadrinhos, as quais não trazem apenas entretenimento aos nossos olhos. Tais histórias abordam questões enfrentadas por todo ser humano comum, como justiça, moral, ética e tantas outras. Essas questões são temas tratados nas discussões filosóficas de muitos filósofos ao longo de séculos. Batman, um dos grandes personagens das histórias em quadrinhos de super-aventuras, traz em seu enredo tramas com várias questões filosóficas, encontradas, por exemplo, nas obras do filósofo grego Aristóteles, principalmente em sua 'Ética a Nicômaco'. Batman é um personagem sem super-poderes, porém treina seu corpo e alma para combater o crime em sua cidade. Este 'treinar' é, para Aristóteles, uma das características para chegar à virtude, pois, segundo ele, somente com treinamento poderíamos chegar ao hábito, o hábito de fazer as coisas certas.

One of the icons of pop culture today is the resurgence of the superheroes comics' adventures, which not only bring entertainment to our eyes. These stories address issues faced by every ordinary human being, such as justice, morality, ethics and many others. These matters are dealt on the philosophical discussions of many philosophers for centuries. Batman, one of the great characters of comics super-adventures, brings, in its plot, wefts with various philosophical issues found, for instance, in the works of the Greek philosopher Aristotle, especially in his 'Nicomachean Ethics'. Batman is a character with no super powers, but he trains his body and soul to fight crime in his own town. Such 'training' is, for Aristotle, one of the features to reach the virtue, since according to him, only through training we could get to the habit, the habit of doing the right things.

Palavras-chave: Batman – Ética - Aristóteles.

Keywords: Batman – Ethics - Aristotle

Introdução

Em uma noite sombria, num beco escuro de *Gotham City* ¹, o jovem *Bruce Wayne* perdeu seus pais de uma forma trágica: eles foram assassinados na saída de um teatro. O jovem Wayne não perdeu somente seus pais naquela noite sombria, mas também sua inocência (REINHART, 2010, p.3), ao descobrir que havia pessoas muito malignas (PETERSON, 2008, p. 6). O jovem Bruce Wayne vivia protegido das horríveis realidades da vida em *Gotham*, onde residia com pais que o amavam. Ele teve uma infância tranquila, mas "o assasinato dos pais o fez abrir os olhos para a natureza do mundo vil e insensato que o cercava. Desde então sua vida deixou de ter sentido" (IRWIN, 2008,

¹ Cidade onde se passa a história do super-herói Batman.

p. 125). O jovem herdou a fortuna de sua família e se tornou um milionário, sob a tutela de seu mordomo, a pessoa de maior confiança de seus pais, *Alfred Pennyworth*².

Assim começa a história do super-herói *Batman*, criada em 1939, por *Bob Kane* e *Bill Finger*, um ano depois do personagem *Super-Homem*. Creio que Batman é o personagem das páginas das HQ's de superaventuras que melhor representa a 'ética das virtudes' de Aristóteles (WESCHENFELDER, 2011, p.7).

O jovem Bruce Wayne, na versão de 1939³, poucos dias após o falecimento dos seus pais, faz um juramento ao espírito deles, prometendo vingar suas mortes e dedicar o resto de sua vida combatendo o crime em *Gotham City*. Ele não quer ver outras crianças perderem os pais assassinados, como ocorreu com ele; *Gotham City* está nas mãos dos criminosos e corruptos, e com o espírito de justiça quer dar um basta nesta situação: "quero mostrar ao povo que *Gotham* não pertence aos criminosos e corruptos" (BATMAN, 2005).

Decidido a lutar contra as injustiças, adolescente ainda, Bruce Wayne viaja pelo mundo buscando recursos para combatê-las e amedrontar aqueles que semeiam o medo. Sua busca é incansável, embora reconheça que, sozinho, não alcançará seu objetivo. Wayne vai em busca de ciências que o ajudem a combater o crime, resolve estudar ciências, assim como artes marciais e técnicas de detetive, etc. (PETERSON, 2008, p.7). Seu treinamento continua sem descanso, tendo sempre em mente sua promessa de menino: "eu prometi a meus pais que livraria a cidade do mal que tomou a vida deles" (IRWIN, 2008, p.86).

Normalmente esses desejos de adolescente perdem o seu vigor com o passar do tempo, daí a pergunta pelo efeito duradouro da promessa: o que faz com que a vida de Bruce, desde a infância até a idade adulta, seja uma incansável luta pela justiça? Segundo Irwin (2008) há uma resposta muito óbvia para essa pergunta: a promessa de Bruce é uma expressão do desejo de vingança. Aqui, vemos que Bruce não promete 'matar' o assassino de seus pais, diferentemente do filme *Batman Begins (2005)*, onde o jovem Bruce, tenta fazer justiça com as próprias mãos. Seu desejo se transforma numa tarefa maior, uma espécie de missão, que consiste em "combater todos os criminosos e livrar *Gotham City* do mal" (Ibid., p. 87).

Quando eu era menino, meu pai e minha mãe foram assassinados diante de meus olhos. Dediquei minha vida a deter esse criminoso, independente da forma ou rosto que ele tenha. De fato, a forma não tem importância (IRWIN, 2008, p. 87).

² Alfred, além de mordomo da família Wayne, e grande mentor do jovem Bruce, era grande conhecedor das ciências médicas e mecânicas (Ver REINHART, 2010).

³ Detective Comics #33 (novembro de 1939).

Mas, como Bruce Wayne pode livrar a cidade de *Gotham* dos criminosos e, assim, vingar a morte de seus pais? Ele próprio afirma que "para sair da apatia, as pessoas precisam de exemplos dramáticos. "Ele julga não poder cumprir a sua missão enquanto for Bruce Wayne, um homem de carne e osso, que pode ser ignorado e destruído. "Mas como símbolo posso ser incorruptível, posso ser eterno" (BATMAN Begins, 2005). Após uma tentativa frustrada de agir como um vigilante, da qual Bruce escapou por pouco da morte, se questiona diante de uma imagem de seus pais, em seu escritório, na Mansão Wayne. Ele pergunta a seu pai o que fazer para combater o crime com mais eficiência, porque depois de anos de treinamento ele entende que lhe falta algo e que ele não consegue saber o que é. (PETERSON, 2008, p. 21) "Eu não estou pronto, tenho os meios, a habilidade, tenho centenas de métodos, mas falta alguma coisa" (IRWIN, 2008, p. 126). E o questionamento de Bruce continua: "Deus, medo de Deus, medo, eu tenho que fazê-los ter medo" (ibid., p. 126). Os questionamentos logo são interrompidos por um morcego quebrando a janela, adentrando no escritório onde Bruce permanecia. Voando pela sala, o morcego pousou em cima da imagem de seus pais. Este acontecimento faz Bruce se lembrar de um incidente envolvendo morcegos, ocorrido quando ele ainda era um menino, causando pânico deste animal. Inspirado neste animal, e com medo dele, "Wayne (...) decide evocar o mesmo terror no coração dos criminosos, vestido como morcego, ele lutará contra a escória" (Ibid., p. 100).

É assim que Bruce Wayne decide se tornar o vigilante mascarado, libertando seu alterego na figura de Batman. Mas por que um jovem órfão milionário gastaria suas noites pulando em telhados, percorrendo becos para acabar com a injustiça e a violência de sua cidade? Se fosse meramente um sentimento de vingança, Bruce Wayne o teria saciado com o assassinato do criminoso que tirou a vida de seus pais (BATMAN Begins, 2005). Mas não era este sentimento que Wayne trazia consigo; com a perda brusca de seus pais, desencadeou um sentimento virtuoso de justica. O filósofo Aristóteles teria a resposta para esta pergunta, acerca do porquê Bruce Wayne se tornaria um vigilante mascarado: para você se tornar um ser humano bom e virtuoso, precisa de bons exemplos a imitar. Bruce Wayne tinha na figura do pai o exemplo a seguir; na depressão, Thomas Wayne, por pouco, quase fez sua empresa (Wayne Corporation) ir à falência, combatendo a pobreza. Pensava que os ricos de Gotham City seguiriam seu exemplo e tentariam salvar a cidade. Mas, com o seu assassinato, não pode cumprir este papel. Coube ao jovem Wayne a tarefa de ser o exemplo para Gotham, e Batman é este símbolo de mudança que toma para si a tarefa de "inspirar as pessoas de Gotham City, para fazer com que a cidade possa ressurgir" (BATMAN, 2008).

O caminho aristotélico

Bruce e seu *alterego*, Batman, decidem que nenhuma economia será feita no combate ao crime. Seguindo o exemplo do pai, Thomas Wayne, um rico

médico e empresário de *Gotham*, Bruce usa seu intelecto aguçado e sua riqueza para fazer de sua cidade um lugar melhor (IRWIN, 2008, p. 100). A luta de Batman contra o crime organizado é uma homenagem a seus pais. Ele se lembra de quando era criança e seu pai fora muitas vezes chamado no meio da noite para atender a uma emergência médica. Bruce se torna Batman, após a perda de seus pais, pelo desejo de honrar a memória do pai servindo à cidade de *Gotham* (IRWIN, 2008).

Peter Singer (1946, *apud* IRWIN, 2008) afirma, em seu artigo intitulado *Fome, riqueza e moralidade*, que todos temos uma obrigação moral de ajudar aqueles que estão sofrendo com necessidades básicas, "se estiver em nosso poder impedir que algo ruim aconteça, sem que para isso sacrifiquemos algo de importância moral comparável, devemos, moralmente, fazê-lo" (Ibid., p. 101). Batman cumpre este papel moral, pois usa seus dons, adquiridos com esforços grandiosos, em prol daqueles com necessidades básicas. Usa sua herança para combater o crime em sua cidade.

Seguindo assim o exemplo aristotélico do seu pai, que combatia o crime economicamente, melhorando a infraestrutura de *Gotham*, Bruce, como Batman, leva a luta às ruas, dando sentido à vida de seus pais, garantindo que o legado que deixaram não morra com eles (IRWIN, 2008, p. 88). Para Aristóteles, é somente na *Pólis* que o homem pode se realizar. A luta de Batman pela sua cidade também configura a perspectiva do filósofo, uma vez que não seria possível viver bem e de forma duradoura numa cidade assolada pela injustiça, a corrupção e o crime. Segundo Adroaldo Dall Mass (2007), a *Pólis* tem a tarefa de possibilitar uma vida ética aos cidadãos, por meio de suas instituições. "Ou seja, a ideia do bem, do justo, não se consubstancia simplesmente na ideia de bem e de justo em si, mas da sua efetivação através das instituições da pólis" (Ibid., p. 50). As instituições da *Pólis*, em *Gotham City*, estão arruinadas, corruptas. É Batman que vem possibilitar uma vida ética aos cidadãos de sua cidade, trazendo uma ideia de justiça ao combater o crime.

Em seu surgimento, em 1939, as HQ's de Batman são herdeiras do quadrinho de romances policiais, tanto como o Super-Homem era dos quadrinhos de ficção (BRAGA; PATATI, 2006, p. 68). Batman e Super-Homem foram os primeiros super-heróis a surgirem nas páginas das HQ's. Mas este personagem seria mesmo um super-herói?

Chamam-no de 'super-herói', mas ele não possui nenhum tipo de 'superpoderes'. Sua história de mais de 70 anos de existência atrai cada vez mais pessoas de todas as idades. E uma das razões pelas quais Batman atrai tantos fãs é que ele é 'apenas' um ser humano. Um homem igual a nós, com a diferença de que (além de ser personagem da ficção), ele dedicou toda a vida a buscar justiça pela morte dos pais e de todas as vítimas de crimes. Ele defende *Gotham City*, arriscando constantemente sua própria vida, depois de passar anos de sacrifício e treinamento do corpo e da mente para atingir o máximo de que um ser humano é capaz. Embora seja riquíssimo, nega a

si mesmo este luxo e dedica-se ao objetivo que nunca alcançará (IRWIN, 2008, p.13).

A lembrança da morte de seus pais estimula a guerra sem fim de Batman contra a violência e a corrupção. Apesar da ausência de superpoderes reais, Batman permanece como o máximo da realização humana, tanto física quanto mentalmente (REINHART, 2010, p. 4).

Para Irwin (2008), Bruce Wayne é apenas uma criança diante de seus pais assassinados, não tem nenhuma razão para crer que pode cumprir tal promessa feita diante da tragédia que presenciou. Ele não adquire superpoderes e após descobre como usá-los; adquire primeiramente uma missão, um compromisso e, com este, uma necessidade angustiada de habilidades extraordinárias: "por meio de seus próprios esforços hercúleos, ele escolhe se transformar em Batman, para que possa cumprir a promessa feita aos pais (Ibid., p. 86)". Não foi por acidente ou de nascença que Bruce se tornou um super-herói, mas sim, por pura força de vontade.

O super-herói aristotélico

Na perspectiva aristotélica, Batman é um ser virtuoso. Mas como ele se tornou tal ser? Lembrando que saber o que é virtude não basta, pois é necessário praticá-la; porque os seres humanos se tornam bons e virtuosos pela prática e repetição, da mesma maneira que se adquirem as artes e os ofícios: "homens se tornam construtores, construindo casas e se tornam tocadores de lira tocando lira. Analogamente, nos tornamos justos realizando atos justos, corajosos realizando atos corajosos" (ARISTÓTELES, 2007, 1103 b1, 2-5). Uma pessoa justa é alguém que, com regularidade e confiabilidade, pratica ações justas, e Batman é uma pessoa deste quilate. Treinou corpo e mente para chegar à perfeição. Batman parece ser o exemplo de um ser humano virtuoso, tal como Aristóteles imaginou quando sugeriu que olhássemos para as pessoas virtuosas como referência para nos tornarmos moralmente melhores (IRWIN, 2008, p. 229). Batman representa essa exemplaridade moral.

Ele é, sem dúvida, corajoso e inteligente. Tem um forte senso de justiça, é capaz de se manter controlado mesmo em meio a uma luta e está disposto a sacrificar sua própria vida e felicidade para fazer do mundo um lugar melhor (Id.,Ibid.).

Para A.W. Price (2009), quando um indivíduo se confronta com as exigências e solicitações de uma situação em conflito muitos erros são possíveis, por diversos motivos, seu juízo pode vir a ser desvirtuado pelas tentações temporariamente. No caso do nosso herói, Batman, várias vezes ficou em situa-

ção de acabar com a vida do vilão, *Coringa*, para evitar assassinatos futuros. Aristóteles acreditava que nas mentes divididas, a razão e o desejo, separados um do outro, brigam entre si (PRICE, 2009, p. 218). Naquele que tem o autocontrole, é a razão que vence. É o caso de Batman, exemplificado no fato de não matar o vilão Coringa, pois sabe que tal ato o tornaria igual a ele. Sendo assim, ele já não poderia se igualar ao exemplo de seu pai.

Como já vimos, Bruce Wayne não nasceu com nenhum superpoder (como os *X-men*); e nem o adquiriu por algum acidente, como muitos outros super -heróis (como o Homem-Aranha), mas ele treina corpo e alma continuamente para dar vida ao super-herói Batman. Aristóteles fala que devemos ter cuidados com nosso corpo, fazer dietas e exercícios físicos, para assim o corpo operar suas funções necessárias (LAWRENCE, 2009, p. 42); no caso de Batman, para usá-lo como arma no combate ao crime. Em sua obra *A Política* Aristóteles mostra que o homem é formado em duas partes, a alma e o corpo, sendo a alma dividida em duas partes também, aquela que possui a razão e a que dela é privada. E cada uma dessas duas partes tem suas disposições ou maneiras de ser, das quais uma é o desejo e outra a inteligência.

Mas, como, na ordem de procriação, o corpo está antes da alma, assim a parte irracional está antes da parte racional. Aliás, isto é evidente; porque a cólera, a vontade e mesmo os desejos se manifestam nas crianças desde os primeiros dias de existência, ao passo que o raciocínio e a inteligência só se mostram naturalmente após um certo desenvolvimento. Eis por que é necessário prestar os primeiros cuidados ao corpo, antes da alma; em seguida ao instinto. No entanto, só se deve formar o instinto pela inteligência, e o corpo pela alma (ARISTÓTELES, 2009, 1334b 20-25).

Batman precisa treinar seu corpo e, após, sua mente, pois seu corpo é como uma arma no combate ao crime. Sua mente, ou sua alma, assim como diz Aristóteles, livra-se dos vícios e desejos, para tornar seus atos em algo justo, algo virtuoso, prudente, livrando *Gotham City* dos criminosos. Aristóteles define virtude como atos prudentes, nobres, em fazer o bem.

A virtude é manifestada mais em fazer o bem [em geral] do que ter o bem feito [somente] para alguém e em mais realizar atos nobres do que evitar atos vis; mas é conspícuo que fazer o bem e agir nobremente se relacionam com o dar, ao passo que ter o bem feito a alguém e evitar atos vis se relacionam com o obter (ARISTÓTELES, 2007, 1120 al 12-15).

A marca da virtude aristotélica é a *mediania*, que consiste no justo equilíbrio entre dois extremos, o excesso e a deficiência. As paixões e ações são os excessos, e os erros a deficiência. A *mediania* entre estes dois extremos é louvável e constitui o êxito. Somente adquirimos a *mediania*, ou 'meio-termo',

através do hábito, praticando atos virtuosos, agindo de acordo com a justa razão. Batman realiza sempre a *mediania*, o meio—termo aristotélico. Como sabemos, o super-herói Batman, não tem nada de 'super', além de uma dedicação colossal em treinar corpo e mente ao combate ao crime. Podemos dizer que Batman é um ser humano corajoso, pois enfrenta inimigos fortemente armados, usando somente sua inteligência e habilidades corporais como arma. Para Aristóteles, a coragem é uma virtude sim, ela é um meio-termo entre a autoconfiança e o medo, pois alguém que se mantém imperturbável diante de terrores e se comporta corretamente em relação a eles é corajoso (ARISTÓ-TELES, 2007, 1116 a1 30). Batman é este ser, sabe seus limites, treina para supri-los, vencendo seus medos.

Mas Batman não é somente virtuoso por usar sua coragem e vestir uma fantasia de morcego para aterrorizar os criminosos. Ele é uma pessoa virtuosa, pois tende a fazer o que é correto, na ocasião apropriada e na medida certa. Claro que ao depararmos com um justiceiro inevitavelmente perguntamos: como ele se acha no direito de agir se não lhe foi dada nenhuma autorização para ser nosso vigilante? Sendo um vigilante por conta própria e sem autorização da Pólis, ele não estaria contra a lei? Não estaria fazendo o papel do Estado tentando proteger seus cidadãos? Sim, está correto. Mas Bruce Wayne, vendo a polícia e os políticos de Gotham City se corrompendo, esquecendo-se dos seus cidadãos, assume o manto de protetor da cidade, o paladino da esperança. Mas, por ironia, o "relacionamento de Batman com o Estado está no fato de que, quanto mais ele reduz o crime e contribui para a ordem pública, mais desafia o Estado" (IRWIN, 2008, p. 72). Batman quer ser o exemplo para as pessoas de sua cidade, e elas precisam dele para saírem da apatia e voltarem a ter esperança. E, de certo modo, ele faz isso. No filme Batman Begins (2005), o Comissário Gordon comenta as mudanças que estão ocorrendo a Batman: "você trouxe mesmo mudanças; tiras corruptos fugindo; criminosos presos; há esperanças nas ruas..." Batman, a seu modo, combatendo o crime, se torna um exemplo de justiça, restituindo esperança para a população de sua cidade e, ao mesmo tempo, punição para os criminosos. Bruce Wayne tem como objetivo ser um exemplo de esperança a seus conterrâneos na figura do super-herói mascarado.

Segundo Aristóteles, para conseguirmos ser justos, honrados, virtuosos, devemos observar pessoas a quem atribuímos tais características (ARISTÓ-TELES, 2007, 1140 a1 25-26). Batman é esta pessoa. Vemos isso no segundo filme *Batman: O Cavaleiro das Trevas (2008)*, quando um cidadão fantasiado de Batman dialoga com o vilão Coringa: "ele (Batman) é um símbolo que nos mostra que não precisamos ter medo de ratos como você" Batman quer ser um modelo que faça sua cidade sair da apatia e lutar por justiça, porém, ao contrário do que o herói deseja, ele torna-se modelo para muitos cidadãos de *Gothan City* que, assim como ele, começam a combater o crime com as próprias mãos. Para Knowles (2008, p.170), diante de um índice grandioso de crimes em *Manhattan*, o símbolo do Batman "caiu no gosto dos garotos

na nova América urbana, muitos dos quais pertencentes à minoria racial. Para eles, a necessidade de se livrarem da violência criminal não era um conceito abstrato, mas uma realidade cotidiana"

O modelo moral

Batman é um modelo moral no sentido da teoria aristotélica porque é uma pessoa que incorpora as virtudes morais. Estudando e imitando tais modelos morais também podemos nos tornar virtuosos. Não basta, pois, apenas estudarmos e observarmos estes modelos para chegarmos às virtudes, temos que imitá-los. E, assim, imitando, praticando e repetindo tais atos, seremos seres moralmente virtuosos: "nos tornamos justos realizando atos justos, moderados realizando atos moderados, corajosos realizando atos corajosos" (ARIS-TÓTELES, 2007, 1103 b1 1-4). Pois é assim que aprendemos qualquer coisa: resolver questões matemáticas, resolvendo; dirigir um carro, dirigindo, etc.

Ao homem é natural imitar desde a infância, e nisso difere dos outros seres, por ser capaz da imitação e por aprender por meio da imitação, os primeiros conhecimentos; e todos os homens sentem prazer em imitar (ARISTÓTELES, 2004, p. 40).

Seguindo esse modo de formação moral surgem em *Gothan City* vários heróis como *Asa Noturna, Robin* e outros heróis mascarados que, junto com o Comissário Gordon, seguem a sugestão de escolher Batman como o ideal a ser imitado, por suas ações e por seus comportamentos virtuosos, a fim de também poderem se tornar virtuosos.

Entretanto, imitar um exemplo moral não requer a exata duplicação de ações específicas. Na verdade, é essencial seguir suas virtudes. Eu não preciso curar milagrosamente os doentes para me inspirar nas virtudes de Jesus Cristo; ajudando os doentes de qualquer maneira que me for possível, posso demonstrar a compaixão dele. Do mesmo modo, não preciso entrar de modo sorrateiro em uma fortaleza e libertar um prisioneiro político; lutar desarmado e derrotar um grupo de estupradores; ou dar milhões de dólares a um conhecido que está em dificuldade para praticar virtudes de Batman. Eu posso não fazer exatamente o que ele faz, mas ainda posso melhorar a mim mesmo e a vida das pessoas ao meu redor cultivando as virtudes dele (IRWIN, 2008, p. 113).

Outra questão didática importante é se Batman, como personagem da ficção das páginas das HQ's, pode realmente tornar-se um modelo moral, um símbolo da virtude aristotélica. Ou essa natureza fictícia de Batman, apenas um símbolo das páginas das HQ's, o tornariam inoperante em termos de modelo de caráter moral?

Batman é um personagem fictício, alterego de Bruce Wayne, cujos pais foram assassinados diante de seus olhos de criança. Esta tragédia o fez treinar seu corpo e, com o tempo, adquirir uma mente inteligente e habilidades físicas excepcionais para usá-las, juntamente com sua fortuna, para o combate ao crime. Vestindo capa e capuz, Batman quer dar esperança à sua cidade, Gotham City, apática diante da onda intensa de crimes. Embora este personagem não exista, ele é real nas páginas das HQ's (IRWIN, 2008, p. 114). Na vida real, nós damos crédito a modelos virtuosos de personagens históricas como Sócrates e Jesus. Mesmo considerando estas figuras históricas como modelos morais, as conhecemos por meio de autores que escreveram sobre elas. Tudo que se sabe de Sócrates veio, na maior parte, dos escritos de Platão, Aristófanes e Xenofonte; e, da mesma forma, no que se refere a Jesus, tudo que conhecemos a seu respeito veio de seus seguidores, os apóstolos. Até que ponto essas figuras históricas foram realmente tão virtuosas não o sabemos. O que se sabe é o que se disse sobre elas. "A verdade acerca de modelos morais históricos é quase sempre menos impressionante do que o ideal exagerado, mas muitas dessas pessoas ainda merecem ser imitadas" (IRWIN, 2008, p. 117) como modelos históricos, como por exemplo, Gandhi, Madre Teresa, Buda, etc.

Os modelos morais acima mencionados, por serem personagens reais — digamos, humanos - têm chance de errar e caírem no descrédito. A menos que saibamos tudo sobre a vida de nosso exemplo/modelo, corremos o grandioso risco de creditarmos virtuosidade a alguém que não mereça tal título. A verdade acerca de quem creditamos ser um modelo de virtude é quase sempre menos impressionante do que o ideal desejado (Ibid., p. 117). Modelos fictícios, como o de Batman ou qualquer outro super-herói, são melhores modelos de virtudes do que um personagem real, pois personagens reais sofrem de fraquezas humanas; ou, como Aristóteles fala, dos prazeres. Batman é um personagem das páginas das HQ's, ou seja, um personagem fictício, ele não está sujeito a este problema (IRWIN, *passim*). Assim como Sócrates, Jesus, Gandhi, Madre Teresa e etc., que são ícones da atividade virtuosa, Batman também é um ícone da cultura popular *Cult*.

Como Super-Homem e muitos outros heróis da ficção dentro e fora do mundo dos quadrinhos, o conceito de Batman cresceu e amadureceu, tornando-se algo diferente e maior. Esses conceitos novos, maduros, de tais personagens foram transformados em ícones como parte de nossa mitologia moderna (IRWIN, 2008, p. 119).

Assim como Aristóteles usa exemplos da mitologia grega para explicar as atividades virtuosas, Batman é um herói literário moderno e, como modelo, pode nos levar a buscar um caminho da virtude. Podemos desenvolver coragem, justiça, benevolência com seu exemplo, assim como trazem nossos modelos históricos.

Considerações finais

A ética pode ser definida como um conjunto de regras e deveres, estudos dos conceitos envolvidos no raciocínio prático como o bem, a ação correta, a virtude, o dever (BLACKBURN, 1997, p. 129). Batman é um ser ético, pois tem um 'dever': 'livrar as ruas de *Gotham* das mãos dos criminosos e corruptos'. Para o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), os deveres devem se tornar universais e categóricos, ou seja, 'sem exceção' (KANT, 2003). O dever de Batman é nunca desistir de combater o crime em sua cidade. O seu mordomo Alfred mostra isso em um diálogo do filme *Batman O Cavaleiro das Trevas*, quando Bruce Wayne quer se entregar às autoridades competentes para evitar que se concretizem as chantagens do vilão *Coringa*:

Bruce: Há pessoas morrendo, Alfred, o que faria em meu lugar?

Alfred: Resista, patrão Bruce. Eu aguentaria, eles vão odiá-lo por isso, mas é para isto que o Batman serve.

Ele (Batman) pode ser o pária. Pode fazer a escolha que ninguém mais faria. A escolha certa (BATMAN, 2008).

No caso de Aristóteles, as ações morais se legitimam pela virtude e também pelo fim visado: é uma ética teleológica e de virtuosidade. Então, o fim visado é bom! Escolha-se, pois, os meios moralmente virtuosos e tecnicamente eficientes para a consecução desse fim. Esse me parece o caso de Batman. Os meios devem sempre ser justificáveis, por isso, a morte que o Coringa possa ter impediria mortes futuras. O que não se aceita é matar. Mas Batman não é assim, ele não quer nenhuma morte, e sofre muito quando isso acontece. Este super-herói faz todo o esforço altruísta para evitar a dor de sentir entes queridos mortos. É um super-herói que busca o bem.

O bem é algo atraente por natureza, assim acreditava Platão (LOEB; MORRIS, 2005, p. 27). Se não formos impedidos de vê-lo e apreciá-lo como ele é, assim o bem nos motivará e guiará nossos passos em sua direção. Sendo assim, as HQ's de Batman possuem força moral, "podendo nos lembrar da importância da autodisciplina, do auto-sacrifício e de nos devotarmos a algo bom, nobre e importante" (Ibid., p. 27-28).

Quando refletimos sobre como devemos conduzir nossa vida (...), nossas reflexões podem facilmente voltar sobre si mesmas, levando-nos a questionar a natureza do processo que estamos realizando. Desejamos saber, por exemplo, não apenas o que é bom, mas também como podemos saber o que é bom, como

podemos descobrir mais coisas sobre isso e como podemos identificar falhas nas nossas concepções e atitudes cotidianas (KRAUT, 2009, p.77).

Platão foi um dos primeiro filósofos ocidentais a estudar sobre a ética da virtude, algo que seu discípulo Aristóteles continuou a pesquisar. Segundo ele, há dessemelhanças nas normas éticas que se aplicam a pessoas diferentes, dependendo dos papéis que estes exerciam na *pólis*. São universais as regras éticas aplicadas a todos; sendo assim, todos os indivíduos são iguais perante o ponto de vista ético, ao passo que nas exigências éticas específicas de diferentes papéis sociais se aplicariam imperativos éticos distintos (IRWIN, 2008, p. 33). A obra *Ética a Nicômaco* é um tratado de Aristóteles de como devemos conduzir nossa vida. É uma investigação ética, na tentativa de tornar o ser humano mais sábio nas questões práticas, em busca da virtude.

Segundo Irwin (2008), é obvio que certas pessoas que acreditamos serem boas não são necessariamente boas para todas as pessoas e em quaisquer circunstâncias para desenvolver um caráter; para adquirí-lo, precisam ser treinadas. Para Platão, como para seu discípulo Aristóteles, não basta apenas explicar o que é, e como ser ético; para desenvolver um caráter ético em alguém, tem que treiná-la. De acordo com Platão, agimos dentro da moralidade, primeiramente, para após aprendermos o que é moralidade (Ibid., p.34). Aristóteles segue a mesma teoria de seu mestre, preocupou-se com a ordem de prioridades na instrução dos jovens, com uma educação formada por meio dos hábitos, primeiramente, para, então, encaminhar a formação para o uso crítico da razão (HOURDAKIS, 2001, p.39).

Batman escolhe *Robin*, o menino prodígio, observando que ele tem motivações para viver dentro da moralidade. Ele não explica a seu pupilo o que é a ética do super-herói, ele o treina, "ensinando-lhe por meio do exemplo e experiência os modos de agir" (IRWIN, 2008, p. 35) corretamente. Isso é proceder ao modo de Aristóteles, uma vez que a virtude é sabedoria prática, que se adquire pela vivência, isto é, pela experiência, enquanto o "conhecimento científico é comunicável mediante o ensino [...] aquilo que é científico precisa ser aprendido" (ARISTÓTELES, 2007, 1139 b, 25-27).

Explicitando melhor, de acordo Aristóteles, para sabermos o que é virtude, temos que observar e imitar modelos virtuosos. Robin, no caso, tem na figura do Batman este modelo a seguir. Para Aristóteles, "os jovens orientam suas vidas pelas emoções e, majoritariamente, buscam o que é prazeroso para si mesmos e o imediato" (Ibid., 1156b, 2-5). O que é prazeroso para Robin é estar na presença de Batman, adquirindo habilidades e incríveis ferramentas para combater o crime (IRWIN, 2005, p. 112). Segundo este autor, muitos filósofos sugerem que o prazer do benfeitor seja maior que o prazer do beneficiário. Batman sente um grande nível de prazer pelo fato de Robin ser um aluno hábil e talentoso. Na visão de Vergnières (2003), a formação de um jovem possui uma qualidade natural, a docilidade que, segundo Aristóteles, não é uma obe-

diência servil, mas um consentimento fácil à regra ditada pelo educador (Ibid., p. 84). Batman tem a satisfação de vê-lo se tornar um grande homem; a teoria da educação aristotélica é realizada nas ações do personagem Batman, pois o objetivo principal da educação é instruir futuros cidadãos, como modelos éticos (HOURDAKIS, 2001, p. 38).

O propósito de nosso super-herói é a busca da justiça para *Gotham City* e, por isso, este personagem é virtuoso, pois na perspectiva de Aristóteles a virtude não é algo natural no ser humano, mas um hábito, significando que, o homem só é virtuoso e justo quando pratica uma vida de ações virtuosas, e que vise tal fim (DAL MASS, 2007, *passim*). Ainda segundo Aristóteles, a justiça é um estado de *mediania* por estar relacionada a um intermediário, enquanto a injustiça relaciona-se a extremos (YOUNG, 2009, p. 183).

Para buscar a justiça, precisamos ser justos, evitando os extremos. Batman é este ser. Pelas suas escolhas (sendo Batman), buscando uma vida nova para a sua cidade, buscando a justiça, ele chega ao que Aristóteles define como virtude moral; relacionando sempre com os meios, suas ações são escolhidas e deliberadas pela prudência, pela obediência a uma regra, freando seus desejos, emoções e sensações para adequarem-se à sua conduta, ao seu propósito. Pois, de acordo com o filósofo grego,

O princípio da ação é o propósito: princípio, entende-se do movimento, não causa final. Do propósito, por seu turno, o princípio é o apetite e o raciocínio feito para qualquer escopo, porquanto sem inteligência e raciocínio, e tampouco sem hábito ético não existe propósito, de vez que sem raciocínio e costume a perfeição não é possível e o que é o seu oposto na ação (ARIS-TÓTELES, 2003, p. 78).

E o propósito de Batman, a sua meta, é ser o exemplo de que *Gotham City* necessita para sair da apatia, mostrando que sua cidade não pertence aos criminosos e aos corruptos. Eis o símbolo de esperança para *Gotham City*: o modelo virtuoso de super-herói aristotélico das páginas das HQ's a ser seguido pelos jovens e por todos os que desejam a justiça, o bem dos concidadãos e a paz social.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. <i>A ética:</i> Textos selecionados. 2ª edição. Tradução Cássio M. Fonseca. Bauro SP: Edipro, 2003.
. Poética. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
. Ética a Nicômaco. 2ª edição. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.
. A Política. 2ª edição. Tradução: Nestor Silveira Chaves. Bauru, SP: Edipro, 2009.

WESCHENFELDER, Gelson V. Do Liceu à Bat-Caverna: Batman, um super-herói aristotélico.

BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Flávio; PATATI, Carlos. Almanaque dos quadrinhos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BATMAN Begins. Direção: Christopher Nolan. Produção: Emma Thomas; Larry J. Franco; Charles Roven. USA, Warner Bros Picture, 2005. 1 DVD (139 min.), color.

BATMAN: O Cavaleiro das Trevas [The Dark Knight]. Direção: Christopher Nolan. Produção: Emma Thomas; Charles Roven; Christopher Nolan. USA, Warner Bros Picture, 2008. 1 DVD (152 min.), color.

DALL MASS, Adroaldo. *A lei como fonte de justiça em Aristóteles*. Porto alegre: Imprensa Livre, 2007.

HOURDAKIS, Antoine. Aristóteles e a educação. São Paulo: Loyola, 2001.

IRWIN, Willian (Org.). Super – Heróis e a Filosofia: Verdade, justiça e o caminho socrático. São Paulo: Madras, 2005.

.Batman e a filosofia: o cavaleiro das trevas da alma. São Paulo: Madras, 2008.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução: Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KLAVA, Laonte.; COHEN, Haron. Os quadrinhos e a comunicação de massa. In: MOYA, Álvaro. *Shazam!* São Paulo: Ed.Perspectiva, 1977, p. 103-120.

KNOWLES, Christopher. Nossos deuses são Super-Heróis. São Paulo: Cultrix, 2008.

KRAUT, Richard. Aristóteles: A Ética a Nicômaco. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAWRENCE, Gavin. Os tratados éticos de Aristóteles. In: KRAUT, Richard. *Aristóteles:* A Ética a Nicômaco. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 21-41.

LOEB, Jeph; MORRIS, Tom. Heróis e super-heróis, In: IRWIN, Willian (org.). Super – Heróis e a Filosofia: Verdade, justiça e o caminho socrático. São Paulo: Madras, 2005.

MOYA, Álvaro. Shazam! São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

PETERSON, Scott. Batman: A história de Batman. São Paulo: Ed. Fundamentos, 2008.

PRICE, A.W. Acrasia e autocontrole. In: KRAUT, Richard. *Aristóteles*: A Ética a Nicômaco. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 217-235.

REINHART, Matthew. DC Super-Heróis: O poderoso livro pop-up. São Paulo: Salamandra, 2010.

VERGNIÈRES, Solange. Ética e política em Aristóteles: Physis, ethos, nomos. São Paulo: Paulus, 1998.

WESCHENFELDER, Gelson. Filosofando com os Super-Heróis. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2011.

YOUNG, Charles M. A justiça em Aristóteles. In: KRAUT, Richard. *Aristóteles:* A Ética a Nicômaco. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Submissão em: 17/04/2014 Revisão em: 20/04/2014 Aceite em: 20/04/2014

Gelson Vanderlei Weschenfelder é graduado em Filosofia pela Universidade do Rio dos Sinos - Unisinos (2007). Mestre em educação pelo Centro Universitário La Salle - Unilasalle (2011). Aluno especial do PPG Faculdade de educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da Cesuca-Faculdade Inedi. Endereço para correspondência: Rua Augusto Jaeger Filho, 224 São João Cep: 95780-000.

Montenegro-RS, Brasil. E-mail: gellfilo@terra.com.br